

A CONCEPÇÃO GEOGRÁFICA DOS PORTUGUESES APÓS O DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA.

Na volumosa obra que, sob o título **História da Colonização Portuguesa do Brasil**, escreveu uma equipe de historiadores lusos com o objetivo de dar maior brilho às festas comemorativas do primeiro centenário da emancipação política do Brasil, existe esta passagem no I volume, introdução, páginas 55 e 56:

“O primeiro mapa do nôvo continente é, pois, português (1) e consequência das viagens simultâneas de Côrte-Real e Pedro Álvares, completadas esta última por uma série de expedições clandestinas, realizadas entre os anos de 1500 e 1502 boreal e austral do continente americano. Resultante da concordância destas diversas informações geográficas, aparece a imagem da América, a primeira fixação pictural da idéia de unidade continental, fundada na observação direta. Até êsse momento, nenhum documento, de qualquer natureza ou procedência, permite atribuir à Espanha e aos seus navegadores a concepção da unidade continental das terras do Ocidente. Existe, sim, um outro documento anterior, mas que só confirma a prioridade da surpreendente concepção portuguesa do continente ocidental. É a carta de Pasqualigo, escrita de Lisboa aos 18 de outubro de 1501, relatando a chegada de um dos navios de Côrte Real no regresso da Terra Nova: *“qual terra... etiam credono conjungersi con le Andilie, che furono discoperte per il reali di Spagna, et con la terra dei papagá noviter trovata per le nave di questo re che andorono in Calicut”*. Esta carta encontrada pelo historiador Ranke na Biblioteca Marciana, foi comunicada a Humboldt. A surpresa do genial geógrafo devia ter sido grande perante um documento em que se provava que já antes da primeira viagem de Colombo a Honduras e Verágua se sabia em Portugal que as nevosas terras setentrionais do Ociden-

(1). — Há manifesto equívoco. O primeiro mapa da América é o de Juan de la Cosa, desenhado em Puerto Santa Maria de Andaluzia em 1500.

te se ligavam sem solução de continuidade às terras das aves faladoras, no hemisfério austral. Perante a revelação prodigiosa, que abalava tantas das suas convicções, Humboldt, incrédulo, exclama: "**cette divination qui proclame, malgré l'absence de tant de chaînons intermédiaires, une liason continentale entre le Brésil et les terres glacées du Labrador, est très surprenante**"... Faltou a Humboldt o conhecimento do planisfério de Cantino. Este documento lhe teria demonstrado a realidade do que chamou adivinhação".

Humboldt escreveu o tópico citado pelo historiador luso há mais de um século e há 78 anos o príncipe dos americanistas, Henry Harrisse, no seu erudito trabalho **Les Corte Real**, demonstrou o equívoco de que tinha sido vítima o genial geógrafo alemão.

Com este pequeno introito, passamos a transcrever aqui o que em 1883 escreveu Harrisse sobre o tópico do despacho de Pietro Pasqualigo, datado de Lisboa a 18 de outubro de 1501 e endereçado à Senhora de Veneza, que levou Humboldt a um lamentável equívoco.

"Quando Alexandre de Humboldt escrevia seu **Examen Critique**, Leopoldo Ranke lhe deu conhecimento de uma carta que acabava de descobrir entre os manuscritos da Marciana".

"Impressionado pela importância desse documento, o eminente historiador da geografia do nôvo continente deu-se pressa em anunciá-lo em seu **Examen Critique** com estas palavras: "Eu provarei na **Troisième Section**, publicando uma carta inédita e copiada recentemente por Ranke dos arquivos de Veneza, que, mesmo antes da viagem de Colombo a Honduras e Verágua, no mês de outubro de 1501, já sabiam em Portugal que as terras do Norte, cobertas de neves e gelo, eram contíguas às Antilhas e à Terra dos Papagaios recentemente achada".

"Esta terceira secção nunca foi publicada e não se sabe qual o fim que teve o manuscrito. Quanto à carta anunciada por Ranke, apesar das insistentes buscas nos arquivos venezianos em 1867 e 1880, não pudemos descobri-la, mesmo nos **Diarii di Sanuto**, cujo manuscrito, é preciso confessar, estava quase ilegível devido ao desbotamento da tinta e à velhice do papel".

"Tendo recentemente iniciado novas pesquisas em Veneza, principalmente nas relações da Espanha e Portugal, que Ranke tinha consultado em 1829, e essas investigações não dando resultado, Bartolomeo Cecchetti, erudito superintendente dos arquivos, teve a gentileza

de dedicar os seus esforços no que diz respeito aos **Diarii de Marin Sanuto**, onde, no ano de 1501, encontrou de facto a carta tão procurada”.

“E’ o despacho que enviou Pietro Pasqualigo à Senhoria de Veneza, em 18 de outubro de 1501, participando a chegada a Lisboa, em 9 e não a 8 do dito mês, da primeira caravela de Gaspar Côrte Real”.

“Nessa missiva, os dizeres são quase idênticos aos que Pasqualigo enviou a seus irmãos no dia seguinte; mas nota-se uma frase importante que não é encontrada na carta particular de 19 de outubro”.

“Em seguida ao tópico: *Êles percorreram cêrca de 600 ou 700 milhas de costa dessa terra sem jamais encontrar fim, o que leva a crer que é terra firme. Esta terra faz parte de outra terra descoberta o ano passado, no setentrião, encontra-se efetivamente a frase referida por Humboldt, a qual, no original está assim redigida:*

“Etiam credeno conjungersi con le Andillie, che furono discoperte per li reali di Spagna, et con la terra dei papagá, noviter trovata per le nave di questo re che andorono in Calicut”. Isto é: “Também crêm estar ligada com as Antilhas que foram descobertas pelos reis da Espanha e com a terra dos papagaios recentemente achada pelas naus dêste rei que foram a Calicute”.

“Deve-se concluir dessa frase que os portugueses acreditavam na existência duma costa prolongando-se sem solução de continuidade, do Brasil à ilha da Terra Nova, em consequência de uma exploração verdadeira de Gaspar Côrte Real, ou de outro navegante português realizada antes de 1502? Absolutamente não”.

“Os leitores notarão logo a forma dubitativa da frase: **“As gentes da caravela crêm — credeno questi di la caravela...** Em seguida, Pasqualigo dá as razões que servem de base a êsse modo de expressar: **“El creder questo se moveno, prima, perchê, havendo corsa la costa de ditta terra per spazio de 600 et piú milia non hanno trovato fin alcuno”**. Literalmente: “Esta opinião procede antes de tudo por terem percorrido a costa na distância de mais de 600 milhas sem ter encontrado o fim”.

“A carta endereçada por Pasqualigo a seus irmãos indica um motivo suplementar que parece ter estado na imaginação de Gaspar Côrte Real, e, com razão, mais provante ainda: **“Questo in stesso li fa credere la moltitudine de fiumare grossissime che anno trovate la: che certo de una insula none haria mai tanto et cosi grosse”**. Isto é: “Êles acreditam isso por causa da multidão de grandes rios que êles lá encontraram, pois, certamente, uma ilha não teria nunca tantos e assim caudalosos”.

“Enfim, o motivo referido por Cantino da demora prolongada de Côrte Real nas novas terras, é que êsse navegante não queria voltar a Portugal antes de ter certeza se essa região era terra firme: **“Che vole intendere se quella é insula, o pur terra ferma”**. E’ a esperança de que participava Pasqualigo quando escrevia à Senhora: **“Expetasse di zorno in zorno l’altra caravella capetania, da la qual distinctamente se intenderá la qualità et condition ch’e la sopradita terra, per esser andata piú avanti scorendo per quela costa per discoprir quanto piú potrà de quella”**. Isto é: “Espera-se de dia a dia a outra caravela, pela qual positivamente se saberá a natureza e condições da sobredita terra, para descobrir quanto mais dela puder.

“Infelizmente, Côrte Real jamais voltou, e se os portugueses tiveram no ano de 1501 conhecimento da natureza exata das regiões transatlânticas, isso não foi seguramente por meio das expedições dos Côrtes Reais”.

“A noção da existência de uma costa sem solução de continuidade estava já divulgada quando da última viagem de Gaspar Côrte Real. Mapas portugueses do fim do século XV, por exemplo, aquêles que possuía Pedro Vaz Bisagudo, assinalavam ainda o Nôvo Mundo por meio de quatro ilhas; mas o mapa-múndi de Juan de la Cosa, desenhado em 1500, mostra um litoral que, partindo de um ponto a 10 graus ao Sul da terra abordada por Vicente Yañez Pinzon em 1499, se prolonga sem interrupção até cêrca de 70 graus, onde approam os ingleses”.

“Como já dissemos anteriormente, esta delineação não provém de explorações. Ela indica, segundo nossa opinião, apenas uma hipótese cartográfica; mas isso é suficiente para explicar o tópico citado da carta de Pasqualigo, sem recorrer à ficção de um reconhecimento hidrográfico depois do gôlfo do México até o Lavrador, que Gaspar Côrte Real tivesse realizado”.

“A carta comunicada por Ranke não implica, pois, como pensava Humboldt, que em Lisboa, em 1501, sabiam de ciência própria que as terras do Norte eram contíguas ao Brasil”.

“E’ preciso também estabelecer uma distinção a respeito da palavra **continente**: se os navegantes do começo do século XVI empregavam êsse vocábulo referindo-se a imensa península que constitui o Nôvo Mundo, ou ao contrário, à costa oriental da Ásia”.

“A idéia de que existia um vasto continente interposto entre a Europa e a Ásia, não começou a brotar no espírito dos cosmógrafos a não ser tarde, e nada nos

mostra que Côrte Real ou seus companheiros tivessem tido a presciência”.

“Para êles, como para os nautas de outras nações, no ano de 1500, essas novas terras nada mais eram que o litoral de Catay”.

*

* *

Não faz muito tempo, outro historiador de notável saber, Jaime Cortesão, visando defender a tese de pertencer a navegantes portugueses a prioridade da concepção geográfica de que as terras do Ocidente eram um nôvo mundo, um continente interposto entre a Europa e a Ásia, aduziu alguns argumentos que passamos a apreciar.

Começa Cortesão (2) por afirmar:

“Hoje e graças à publicação de novos documentos, pode afirmar-se com efeito, que Pedro Alvares e seus capitães trouxeram da sua viagem mais do que a suspeita, a persuasão de ter descoberto com a terra de Vera Cruz, um Mundo Nôvo, quer geográfico, quer humano”.

Em seguida passa êsse historiador a citar os novos documentos.

O primeiro é a segunda carta que, nos primeiros dias de julho de 1501, o mercador e banqueiro florentino, Bartolomeu Marchioni enviou a Florença (3), na qual descreve a viagem de Cabral à Índia e onde há êste tópico:

“Este rei (D Manuel) achou recentemente nesta viagem um nôvo mundo, mas é perigoso navegar sôbre a extensão dêsses mares”.

O segundo documento é o ato notarial de Valentim Fernandes, lavrado em Lisboa a 20 de maio de 1503, para acompanhar a imagem dum tupí e a pele de um jacaré, enviados a Bruges por um mercador flamengo, onde existe esta passagem:

“Uma armada de 13 grandes naus do poderosíssimo D. Manuel I, rei de Portugal, etc., descobriu por designio da Divina Providência, àquém do Ganges, num mar desconhecido e abaixo da linha equinocial, um outro

(2). — A Carta de Pero Vaz de Caminha. Edição “Livros de Portugal Limitada”. Rio de Janeiro, 1945, páginas 83 e 84.

(3). — Vide o inteiro teor dessa carta no nosso livro *O Descobrimento do Brasil*, páginas 144 a 146.

mundo, ignorado de tôdas as outras autoridades, no ano de Cristo de 1500 e no último dia do mês de abril”.

Após essas duas citações, impressionado com as expressões: **novo mundo** e **outro mundo** nelas contidas, conclui Cortesão:

“O conjunto destas referências leva-nos a admitir que o conceito dum Nôvo Mundo fôsse pela primeira vez formulado pelos descobridores de Vera Cruz” (4).

Acontece, porém, que como acertadamente diz Vignaud (5):

“Cette expression (Nouveau Monde) se trouve fréquemment dans les auteurs du temps, qui l’emploient le plus souvent au sens figuré. En parlant des régions nouvellement découvertes, tant en Afrique qu’à l’Occident, quand on disait le Nouveau Monde on entendait généralement par là les régions récemment connues et inexplorées jusqu’alors, mais non des contrées dont l’existence n’était pas établie avant leur découverte et qui étaient distinctes de l’Asie”.

Haja vista Colombo que, tendo morrido com a suposição de ter descoberto a costa oriental da Ásia (Cipango e Catay), declarou após a sua terceira viagem de 1498, na qual descobriu a terra firme de Pária, dirigindo-se aos Reis Católicos:

“Vuestras Altezas tienen acá **otro mundo**” (6).

E acrescentou:

“Cometi viage nuovo **al nuevo cielo e mundo**, que hasta entonces estaba oculto” (7).

Mais concludente é o mapa esboçado em 1503 por Bartolomeu Colombo, com o escopo de representar as terras até então descobertas pelo seu irmão, as quais denomina Ásia, mas onde na região que compreende as terras de Pária existe esta sugestiva inscrição: **Mondo Novo**.

Páginas adiante (8), diz o erudito historiador luso que:

(4). — *Obra citada*, página 86.

(5). — Amerigo Vespucci, *sa biographie, sa vie, ses voyages, etc.* Paris, 1917, página 194.

(6). — Navarrete (Martin Fernandez de), *Collecion de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines de siglo XV.* Buenos Aires, 1945, volume 1, página 386.

(7). — Navarrete, *obra citada*, volume 1, página 388.

(8). — *Obra citada*, página 111.

“O conceito de Nôvo Mundo foi inicialmente formulado pelos tripulantes da armada de Cabral, e encontrou em Caminha o seu intérprete”.

Ocorre, porém, que êsse epistológrafo datou do seguinte modo a sua famosa carta: “Dêste Pôrto Seguro da vossa ilha de Vera Cruz”. Cortesão não vê nisso nenhuma séria objeção à sua afirmativa, declarando que o vocábulo **ilha** tinha então, como outras de caráter geográfico, significação mais lata (9). Porém nós sabemos que, tanto os navegantes como os cartógrafos daquela época, o de que mais questão faziam era justamente distinguir as ilhas de terra firme, e vice-versa. Na carta que Alberto Cantino escreveu a Hercule D’Este, Duque de Ferrara, em 17 de outubro de 1501, há esta passagem com referência à descoberta de Gaspar Côrte Real na região setentrional da América:

“Laltro compagno ha deliberato andar tanto por quella costa que vole intendere se quella é insule, o pur terra ferma” (10).

Ainda com relação à descoberta de Gaspar Côrte Real, Pietro Pasqualigo escrevendo aos seus irmãos em 19 de outubro de 1501, tem a preocupação de informá-los de que a região recentemente achada, ao que parece, não era ilha e sim terra firme, justificando essa opinião dêste modo:

“Per la costa de la quali scorseno forsi miglia dc. in dec. ne mai trovareno fin: per el che credeno sia terra ferma” (11).

Na Relação do Pilôto Anônimo, vê-se que também havia o máximo interêsse em ser esclarecido se a terra descoberta por Alvares Cabral era ilha ou terra firme, tanto que quem a escreveu cuidou de dizer:

“La terra e grande e non sapiamo se glie isola o terra ferma” (12).

Como sabemos, o nome com o qual batizaram a terra recentemente achada por Cabral, foi **Ilha de Vera Cruz**. Mas logo que perceberam o engano, tiveram pressa em denominá-la **Terra de Santa Cruz**. Por que essa mudança de denomina-

(9). — Obra citada, página 110.

(10). — Henry Harrisse, *Les Corte Real*, Paris, 1883, página 208.

(11). — Henry Harrisse, obra citada, páginas 211 a 212.

(12). — Montalboddo (Fracanzano da), *Paesi novamente ritrovati e Novo Mundo da Alberico Vesputio florentino intitolato*. Milano, 1508, página 78.

ção se, como diz Cortesão, o vocábulo **ilha** tinha então, como outros de caráter geográfico, significação mais lata?

Podíamos citar inúmeros exemplos a favor da nossa opinião, mas êsses que aí estão são bastante para provar que na época dos descobrimentos marítimos havia grande empêno por parte dos navegantes e cartógrafos em esclarecer, sempre que possível, se as terras então descobertas eram ilhas ou terra firme.

Dêsse modo, denominando Caminha **ilha** a terra recém-descoberta por Alvares Cabral, é evidente que tanto êle como os demais tripulantes da segunda armada à Índia, inclusive Mestre João que escreveu a D. Manuel dizendo que **quatro eram as ilhas encontradas**, não podiam ter o conceito, como pretende Cortesão, de que acabavam de descobrir um novo mundo.

*

* *

A afirmativa de Colombo de que tinha descoberto as costas asiáticas ou, melhor, as ilhas da Índia além do Ganges; a prova que apresentava de que não eram da Guiné os selvagens que trouxera da sua primeira viagem, pois que, além de não serem negros e não terem como êstes o cabelo pixaim, falavam um idioma muitíssimo diferente; a carta que a 14 de julho de 1493, o Dr. Jerônimo Monetário enviou a D. João II, aconselhando êste monarca a procurar a Índia pela rota do poente, conselho êste enviado antes de ter conhecimento da feliz viagem do Genovês, pouco a pouco criaram em Portugal uma corrente a favor da idéia errônea dêste navegante, de que efetivamente a região por êle descoberta era a costa oriental do continente asiático. Ruy de Pina, cronista português de alto mérito, contemporâneo de D. João II e um dos membros da comissão que preparou o Tratado de Tordesilhas, escreveu:

“Christovam Colombo, italiano, que vynha do descobrimento das ilhas de Cipango, e d'Antilla” (13).

Essa opinião ainda perdurou, pelo menos até 1502 entre os cosmógrafos portugueses, como podemos observar no famoso planisfério de Cantino, no qual vizinho a Groenlândia, existe esta legenda:

(13). — Ruy de Pina, *Chronica d'El Rei D. João II*, Lisboa, 1792, volume II, página 177.

“Esta terra he descoberta per mandado do muy escelentissimo principe dom manuel Rey de Portugal a quall se cree ser esta a ponta dasia. E os que a descobriram nam chegaram a terra mais vironla e nam viram senam serras muyto espessas polla quall segum a opinyom dos cosmofircos se cree ser a ponta dasia”.

Quanto ao mérito do citado mapa para o assunto em tela, assim se manifestou o insuspeito professor Duarte Leite:

“Em outubro de 1502 recebeu Cantino das mãos de um cartógrafo português, **presumidamente oficial**, o planisfério da Biblioteca Estense, no qual estava representado o mundo, tal como o imaginavam os geógrafos lusitanos” (14).

Como acabamos de ver, também na cartografia portuguesa da época, não existe qualquer indício que nos leve a atribuir aos lusitanos a prioridade de que as terras do Ocidente eram um novo mundo, um continente interposto entre a costa oriental da Ásia e a ocidental da Europa e África. Tal prioridade pertence ao florentino Amerigo Vespucci.

T. O. MARCONDES DE SOUZA

Da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo —
Da Société des Américanistes de Paris.

(14). — História da Colonização Portuguesa do Brasil, volume II, página 426.